

■ **ARQUEOLOGIA** Serra Branca II, em Campo Redondo, é considerada importante por contar com duas características diferentes

Pinturas rupestres do Trairi estão ameaçadas

ANA LUÍZA CARDOSO

REPÓRTER

Uma pedra que guarda o reino encantado. Assim os agricultores do município de Campo Redondo, a 144 quilômetros de Natal, definem as pinturas rupestres encontradas na fazenda Serra Branca II. Este verdadeiro reino encantado para a arqueologia, entretanto, sofre com a ação de vândalos que estão pichando o local, como se não bastasse, a pedra já erodida. O Rio Grande do Norte, conhecido por guardar importantes sítios arqueológicos, está permitindo que sua história seja apagada.

As pinturas foram feitas numa baragem, onde as pessoas se reúnem, principalmente na época do inverno, para fazer piqueniques. Os desenhos foram feitos com tinta vermelha e estão se apagando, graças à ação do tempo. Este local ficou coberto pela água, quando o açude Mãe D'Água, da cidade de Campo Redondo, arrombou em abril de 1981. As cheias também contribuíram para que o local ficasse coberto pela água. O agricultor Francisco de Assis Alexandre chegou àquela região mais ou menos nesta época. Ele ouviu falar das pinturas desde então, mas ninguém sabe por quem elas foram feitas. "Uns falam que dentro desta pedra tem um reino encantado. Outros dizem que foram os ingleses que fizeram", destacou.

CARACTERÍSTICAS — A arqueologia dividiu os tipos de pinturas rupestres em tradições e subtradições, de acordo com suas características. A Tradição Agreste, segundo o livro de Gabriela Martin - "Pré História do Nordeste do Brasil", são técnicas gráficas e com riqueza temática inferiores à Tradição Nordeste.

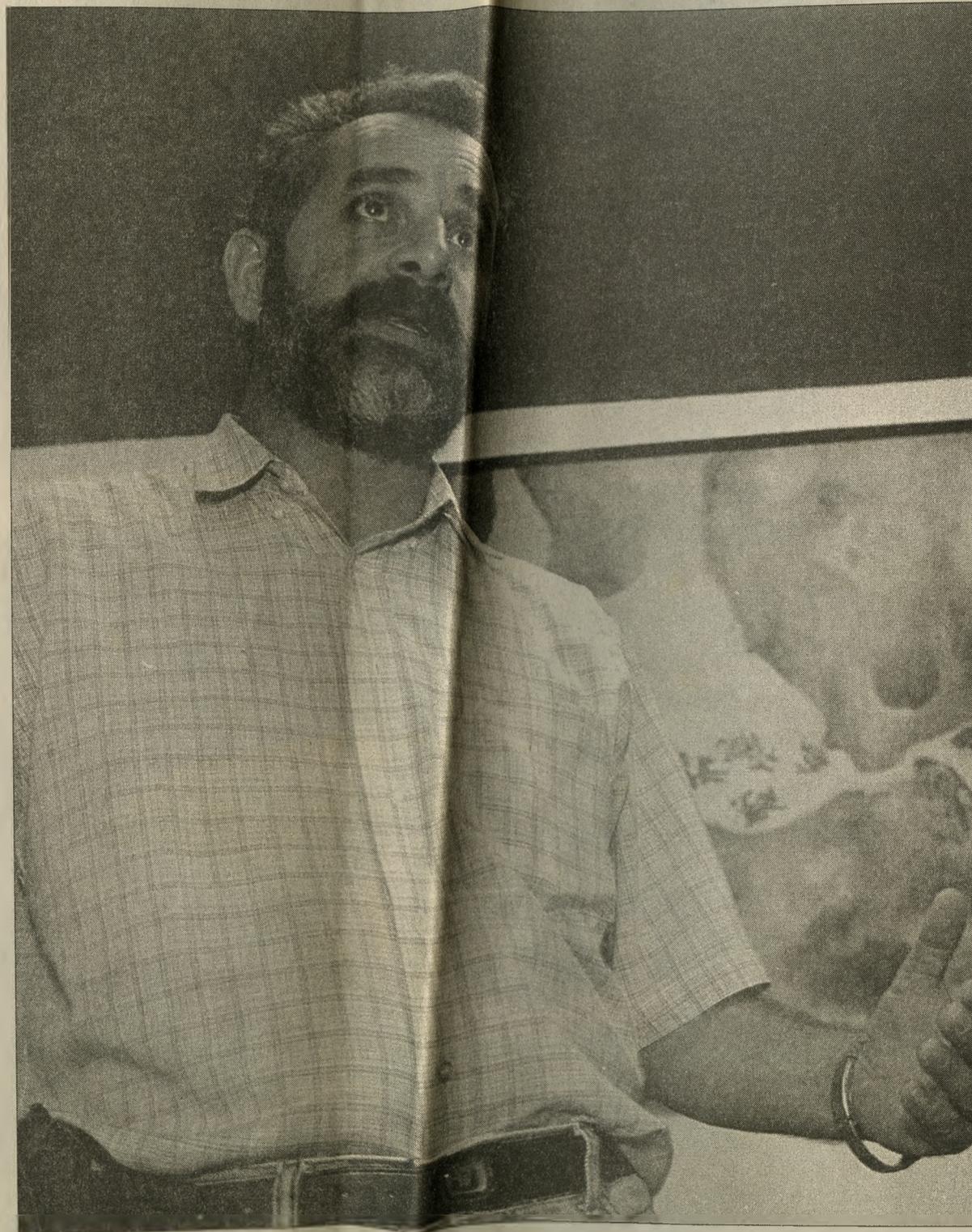
Na tradição Nordeste aparecem mais cenas e antropomorfos (indivíduos). Ela também é considerada bem anterior à Tradição Agreste. Na Nordeste, as figuras são de pequeno tamanho, sempre em movimento, com o rosto de perfil e sempre em movimento.

Gabriela Martin escreveu que a Tradição Agreste possui grande concentração nos pés de serra, várzeas e brejos de Pernambuco e sul da Paraíba. Comuns também no semi-árido. Ela chama atenção para o grande tamanho dos grafismos na tradição agreste. As pinturas são geralmente isoladas, sem formar cenas. Quando as cenas aparecem, geralmente são compostas por poucos indivíduos. No caso dos zoomorfos (desenhos de animais), dificilmente as espécies podem ser identificadas.

O arqueólogo Paulo Tadeu chegou a visitar Serra Branca II na década de 80, quando ainda era aluno de Gabriela Martin, na Universidade Federal de Pernambuco. Ele lembrou que este é um local importante para a arqueologia, porque reúne dois universos culturais diferentes. Que são a Tradição Agreste e a Tradição Nordeste. Este contato pode ter acontecido graças aos povos da Paraíba.

Ele calcula que as pinturas tenham entre cinco mil e dez mil anos. Paulo chegou a identificar figuras humanas e até a representação de uma ema. "Era comum a identificação de animais de caça."

Ele explicou que os homens pré-históricos procuravam brejos com riachos próximos, onde faziam coleta e praticavam a agricultura. Mas eles moravam em cima das serras, descendo para praticar estas atividades. "Estes locais das pinturas também ofereciam segurança", mencionou Paulo.



ALEX RÉGIS

Sertanejo mapeou sítios do Seridó

Arqueólogo, músico, desenhista, projetista e jornalista. Estas bem poderiam ser as profissões de um homem letrado. Mas no começo do século, um sertanejo nascido em Acari, José de Azevedo Dantas, com as "letras" que aprendeu com os irmãos, tornou-se um desbravador. Ele mapeou vários sítios arqueológicos do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

"Indícios de uma Civilização Antiquíssima", livro de José de Azevedo Dantas, traz as transcrições dos desenhos encontrados em Acari, Carnaúba dos Dantas, Parelhas, Jardim do Seridó e Santana do Matos. Isto sem contar as descrições do sertanejo e os desenhos detalhados das serras onde se encontravam os registros pré-históricos. José nasceu em 1890, no sítio de nome Xique Xique. Foi um homem solitário e como ele mesmo escreveu em sua biografia "nas relações amorosas era mal correspondido."

Entre 1924 e 1926 copiou os desenhos nos vales do Seridó e Carnaúba. "Visitando alguns rochedos descobri as pinturas dos homens pré-históricos que alguns atribuem ser obra do gentio", assim José descreve o início do seu trabalho. Ele passou por alguns percalços, endividado. Em 1928 chegou a vender a sua mula e interrompeu o trabalho, por dificuldades de locomoção. Chegou a ter um encontro inesperado com o cientista e mineralogista Ludovico Schwennhagen na região do Seridó. O estudioso ficou impressionado com os croquis daquele sertanejo.

PATRIMÔNIO — Arqueólogo Walner Spencer, da UFRN, teme a destruição dos sítios arqueológicos do Seridó

História é comprometida pelo homem

A liberação da exploração do granito pode ser um dos principais problemas para a manutenção dos sítios arqueológicos. O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Walner Spencer, adiantou que muitos registros estão nos granitos e que a exploração pode contribuir para o desaparecimento dos achados arqueológicos.

“Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (...), incluindo-se entre outros, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, artístico, paisagístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”, é o que define como patrimônio cultural brasileiro, a Constituição Brasileira. A preservação da memória nacional e de estímulo à pesquisa da história possuem instrumentos legais no decreto-lei nº 3924 de 1961 e a Resolução Camana 001 de 1986, está relacionada ao controle de implantação de empreendimentos de grande porte, que co-



locam em risco a integridade de nosso patrimônio cultural.

O patrimônio arqueológico pode ser dividido em pré-histórico e histórico. A data de 1500 foi estabelecida como marco divisório entre a Pré-História e a História. A pesquisa arqueológica reconstitui aspectos, estudando a cultura material, recuperada em campo através de escavações em sítios arqueológicos.

Para o arqueólogo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Walner Spencer, as pinturas de Campo Redondo pertencem

à Tradição Agreste.

Ele só estranha as pinturas às margens de um local onde passa água. Nestes pontos normalmente são encontrados Itaquiataras (pedras pintadas na língua tupi) - gravuras indígenas, que são das manifestações rupestres, aquelas que mais estão associadas a interpretações fantásticas.

Na opinião de Spencer, os grupos que percorreram o Seridó, onde se encontra

o maior número de registros pré-históricos não sofriram pressões, pois andaram aquela área deixando as suas marcas. “O Rio Grande do Norte é privilegiado. Encontram-se estes vestígios em vários lugares”, ressaltou Spencer. Outro detalhe importante é a fixação da tinta que era feita artesanalmente. “Eles faziam com óxido de ferro e resina vegetal”, explicou Spencer. Nenhuma tinta atual resiste tanto à ação do tempo.

■ **Leia mais sobre arqueologia na página 16**